



Abraça o presente.

Juntos por um caminho novo.

Diocese do Porto 2022 | 2023



**Plano Diocesano
de Pastoral** 2022|2023

Síntese da fase
diocesana do
processo sinodal.

PARTE I

DIOCESE DO PORTO

PLANO DIOCESANO DE PASTORAL 2022|2023

ABRAÇA O PRESENTE!

JUNTOS POR UM CAMINHO NOVO.

ORAÇÃO OFICIAL DA JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE 2023

Nossa Senhora da Visitação,

que partistes apressadamente para a montanha ao encontro de Isabel,

fazei-nos partir também ao encontro de tantos que nos esperam

para lhes levarmos o Evangelho vivo:

Jesus Cristo, vosso Filho e nosso Senhor!

Iremos apressadamente, sem distração nem demora,

antes com prontidão e alegria.

Iremos serenamente, pois quem leva Cristo leva a paz,

e o bem-fazer é o melhor bem-estar.

Nossa Senhora da Visitação,

com a vossa inspiração, esta Jornada Mundial da Juventude

será a celebração mútua do Cristo que levamos, como Vós outrora.

Fazei que ela seja ocasião de testemunho e partilha,

convivência e ação de graças,

procurando cada um o outro que sempre espera.

Convosco continuaremos este caminho de encontro,

para que o nosso mundo se reencontre também,

na fraternidade, na justiça e na paz.

Ajudai-nos, Nossa Senhora da Visitação,

a levar Cristo a todos,

obedecendo ao Pai,

no amor do Espírito!

I. PÓRTICO: PARA UM NOVO ESTILO PASTORAL

A nível pastoral, a nossa Diocese do Porto está a viver um triénio sob a designação genérica: “*Juntos por um caminho novo*”. Cada uma destas palavras constitui, por si, um verdadeiro programa: “*juntos*” exige escuta e partilha capazes de gerar a unidade e fazer de nós uma Diocese coesa na dinâmica evangelizadora; a noção do “*caminho*”, possibilidade sempre em aberto, remete para um percurso sinodal, lado a lado, com quem é dotado de «*boas pernas*» para andar, mas também com aqueles que se cansaram ou até desistiram da caminhada e que nos merecem o maior respeito e uma enorme solicitude; enfim, a criatividade implícita no adjetivo “*novo*” alerta-nos para a certeza de que os caminhos de ontem já não servem para conduzir uma enorme multidão que obriga a novos critérios de percurso, muitas vezes desconhecidos para nós, mas que temos de descobrir, ainda que tateando na noite.

Neste segundo ano, as grandes coordenadas do nosso Plano andarão à volta do tema da escuta e da hospitalidade. Sabemos bem quais os motivos diretos: o Sínodo em curso e o acolhimento hospitaleiro de milhares de jovens que por aqui passarão rumo à Jornada Mundial da Juventude (JMJ), bem como os símbolos da mesma, durante o mês de outubro de 2022. O que nos vai empenhar muito. Motiva-nos o exemplo da Santíssima Virgem Maria que, ao saber da gravidez da sua prima, partiu, saudou, abraçou e fez morada na família de Santa Isabel e Zacarias. Porém, ainda que estas razões não existissem, a escuta e o acolhimento já se imporiam por si, como imagens de marca da Igreja de Jesus Cristo.

Não é aqui o lugar para fazer um longo discurso sobre isto. Mas, de facto, sabemos que o passado próximo eclesial, o que nos restava do regime de cristandade, se caracterizava por uma forte dimensão coletiva: o centro repousava na noção genérica do “*povo*” e não da pessoa na sua individualidade. A pastoral consistia numa «*condução*» do povo, mas sem se preocupar muito com as necessidades específicas de cada um. Entretanto, as coisas mudaram: a nossa cultura contemporânea ancorou-se nos direitos humanos, de base fortemente individualista, e as pessoas começaram mesmo a valorizar a sua «*diferença*» específica, critério de identidade. E a reclamar atenção, escuta, acolhimento, simpatia, disponibilidade.

Este era o modelo de Jesus. Embora fosse especialista na liderança com multidões, o que mais nos chama a atenção é o tempo disponibilizado em favor dos «*proscritos*», o acolhimento dos «*infiéis*» e estrangeiros, a palavra individualizada dirigida aos «*pecadores*», os gestos de cura feitos em benefício de pessoas em situação dramática que Ele se esforçava por conhecer. A única exceção era para com os autossuficientes fariseus e doutores da lei: porque esses, em nome da religião, desprezavam a pessoa, a única “*imagem e semelhança*” de Deus à face da Terra.

Nesta linha, formemo-nos para a escuta e para o acolhimento. Vejamos nestas atitudes as condições básicas para um renovado estilo sinodal da nossa pastoral. E da maneira de ser de Deus. Criemos estruturas para lhes dar corpo.

Pelo menos nas vilas, cidades e centros populacionais maiores, ou por onde costumam passar mais pessoas, seria maravilhoso se, nas igrejas, estivesse alguém disponível para acolher quem chega, para escutar quem deseja. Poderiam ser leigos devidamente formados, com algum identificativo, em local visível e com condições de privacidade, disponíveis não tanto para falar, mas mais para acolher na simpatia e na amabilidade. Por exemplo, membros do Conselho Paroquial Pastoral – e outros! – de acordo com um específico horário.

Creio que, nas nossas circunstâncias atuais, este poderá ser um verdadeiro ministério confiado a pessoas que a ele se queiram dedicar de maneira permanente e primordial. Pelo menos, os vários «Conselhos» diocesanos poderiam refletir sobre essa possibilidade. Mas, mesmo que não venha a ser «instituído», parece importantíssimo, a exemplo do que encontramos no centro da Europa.

Do mesmo modo, peço aos fiéis leigos que sejam *“parceiros fiáveis em percursos de diálogo social, cura, reconciliação, inclusão e participação, reconstrução da democracia, promoção da fraternidade e da amizade social”* (Doc. Preparatório do Sínodo, Introdução, n.º 2). Para tal, muito pode contribuir a inserção em movimentos de espiritualidade e grupos de apostolado. O Papa Bento XVI, na peregrinação a Fátima, em maio de 2010, testemunhava-nos: *“Confesso a agradável surpresa que tive ao contactar com os movimentos e novas comunidades eclesiais. Observando-os, tive a alegria e a graça de ver como, num momento de fadiga da Igreja, num momento em que se falava de «inverno da Igreja», o Espírito Santo criava uma nova primavera, fazendo despertar nos jovens e adultos a alegria de serem cristãos, de viverem na Igreja”*. Porquê? Porque no seu interior respira-se acolhimento, simpatia, familiaridade, capacidade de cada um exprimir os seus próprios sentimentos. Ora, a nossa Diocese do Porto tem constituído a porta de entrada de muitos movimentos e obras em Portugal. Não a fechemos e continuemos, no futuro, a dinâmica que nos vem do passado.

Desejo ardentemente que este novo ano pastoral nos capacite para fundamentarmos a pastoral nas atitudes humanamente gratificantes da escuta mútua e do acolhimento cordial. Em todos os âmbitos e setores: das estruturas territoriais à catequese, de todas as obras aos cristãos na sua individualidade. E que intentemos dar corpo e organização a essa única maneira de ser discípulo do Senhor.

Que o Espírito de Deus, que faz *“novas todas as coisas”* (Ap 21, 5), renove o nosso coração, a nossa mente e os nossos critérios pastorais. E abençoe a nossa Igreja do Porto que muito deseja corresponder sempre mais ao seu plano salvador.

+ Manuel Linda, Bispo do Porto

+ Pio Alves, Bispo Auxiliar do Porto

+ Armando Esteves, Bispo Auxiliar do Porto

+ Vitorino Soares, Bispo Auxiliar do Porto

II. UM PLANO PARA ABRAÇAR A TODOS E POR TODOS

1. O CONTEXTO

O Plano Pastoral 2022/2023 articula-se e sintoniza-se com a proposta elaborada pelo COD (Comité Organizador Diocesano) para a JMJ 2023, inspirada na cena bíblica da Visitação da Virgem Maria à prima Isabel (Lc 1,39-45).

Depois do 1.º ano (2021/2022), focado no movimento de Maria, que se levantou apressadamente e se pôs a caminho, o próximo ano pastoral de 2022/2023 “*é uma oportunidade para valorizar as dinâmicas do acolhimento e da hospitalidade, ao nível familiar e das comunidades cristãs, numa altura em que seremos convidados a hospedar jovens e a partilhar com eles as nossas riquezas familiares, culturais, eclesiais. É fundamental preparar bem as pré-jornadas, que são decisivas para o bom êxito da JMJ Lisboa 2023*” (PDP 2021/2022, p. 7).

Na sequência do processo sinodal em curso, importa continuar a dar resposta à questão fundamental do Sínodo: “*como se realiza hoje aquele ‘caminhar juntos’, que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada?*”, e ter em conta, num processo de discernimento pastoral, as indicações, intuições e sugestões da fase diocesana do processo sinodal.

2. O LEMA: ABRAÇA O PRESENTE! JUNTOS POR UM CAMINHO NOVO.

O lema fundamental comum aos três anos é este: *Juntos por um caminho novo*. O subtema de 2021/2022 foi “*Levanta-te*”. O subtema para o ano pastoral 2022/2023, partindo da frase “*Maria saudou Isabel*” (Lc 1, 40), é este: “*Abraça o presente*”.

O abraço de Maria e Isabel é o abraço de duas mulheres que partilham a alegria pelo maravilhoso e surpreendente presente de uma vida nova, que uma e outra acolhem em gestação no seio materno. É o abraço de quem se acolhe mutuamente no amor, de quem partilha o Evangelho da Vida, em carne viva. É o abraço de quem abraça a graça, os desafios e a oportunidade da hora presente.

‘*Abraçar*’ tem, portanto, para nós, não apenas a dimensão afetuosa da reciprocidade do amor, mas inclui também o desafio de ‘abraçar’, de acolher com amor, de escutar com atenção, de discernir à luz do Senhor, de responder e de corresponder às muitas oportunidades, dificuldades e desafios do tempo presente. Neste sentido, “*abraça o presente*” significa sobretudo “*vive no presente*”, não no passado nem no futuro. O Espírito afirma o primado do hoje, contra a tentação de fazer-se paralisar pelas amarguras e nostalgias do passado, ou de focar-se nas incertezas do amanhã e deixar-se obcecar pelos temores do futuro. Não há tempo melhor para nós: agora e aqui, onde estamos, é o único e irrepitível momento para fazer o bem, para fazer da vida uma dádiva!

Este presente que nos propomos abraçar, que desejamos acolher de braços abertos, tem, por isso, muitos rostos e significados: é a graça da JMJ que nos desafia a reconhecer os jovens como o *agora*, ou o *presente de Deus*.

É o presente deste processo sinodal em curso e de aprendizagem e conversão pastoral contínuas, para uma Igreja de participação, comunhão e missão.

É o presente que Deus nos oferece no rosto de todos os jovens, vindos de todas as partes do mundo, para a JMJ, como verdadeiros peregrinos da esperança: eles irão entrar nas nossas casas, nas nossas realidades familiares e eclesiais, para animar e renovar as nossas vidas. São um presente que queremos abraçar, acolher e envolver, abrindo portas e janelas ao sopro da novidade do Espírito.

Maria torna-se, em tudo isto, modelo de uma Igreja de braços abertos, que acolhe (cf. Lc 1, 26-38). E, tal como na cena de Emaús, em que o anfitrião se torna acolhido, também Isabel, que recebe Maria, é acolhida por Ela. Como Maria, cada pessoa é chamada a tornar-se *pessoa-soleira*, capaz de acolher quem entra ou se cruza na sua vida. Como Maria, a comunidade cristã torna-se um Corpo que acolhe, para se tornar um lugar que gera vida. A esta luz, devemos cuidar por formar comunidades hospitaleiras, pautadas por um estilo pastoral amável e dialogal, simples e familiar, feito de presença, de escuta e de proximidade, capaz de promover a cultura do encontro, de propor e de acompanhar, num ambiente muito familiar, que gera e regenera vidas novas em Cristo.

3. A IGREJA: UM CORPO QUE ACOLHE

Não há comunidades acolhedoras sem pessoas hospitaleiras. Nós contamos com elas, para fazer da Igreja um Corpo que acolhe, uma Igreja de portas abertas: portas abertas para deixamos entrar quem procura... e portas abertas para podermos sair à procura (cf. GE 136). Vejamos, sumariamente, alguns âmbitos do acolhimento:

1. Uma Igreja com as suas portas abertas: eis um sinal muito concreto do acolhimento (cf. EG 47).
2. O primeiro contacto com a comunidade: importa passar da hostilidade à hospitalidade.
3. O acolhimento nas situações existenciais mais significativas: há que praticar uma escuta ativa.
4. O acolhimento no cartório paroquial: urge superar o vício administrativo e atender mais à pessoa que ao pedido.
5. O acolhimento no diálogo pastoral: preferir o dueto ao duelo, o diálogo ao *duólogo* (isto é, um monólogo a duas vozes); preferir o diálogo dialogal (onde ambas as partes se escutam até ao fim) ao diálogo dialético (de quem quer impor a todo o custo as suas ideias sem ter em conta o pensamento do outro).
6. O acolhimento na celebração dos Sacramentos e das Exéquias: promover uma liturgia hospitaleira, em que as pessoas se sintam conhecidas, reconhecidas, integradas, acompanhadas.
7. O acolhimento, integração e formação de novos servidores da comunidade: esta é também uma oportunidade de renovação dos servidores na comunidade.

8. O acolhimento e o acompanhamento dos casais nas ditas *situações irregulares*: promover uma escuta ativa sem preconceitos e propor um caminho lento e paciente de acompanhamento e discernimento.
9. O acolhimento de quem sai ao encontro das periferias, promovendo a inclusão das pessoas com deficiência, dos idosos descartados, dos pobres sem voz, dos doentes, dos imigrantes, pondo assim em prática a recomendação do autor da Carta aos Hebreus: “Não vos esqueçais da hospitalidade” (Heb 13,2).
10. O ministério do acolhimento e o acolhimento de novos ministérios: haja disponibilidade para acolher novos desafios, novas respostas.

III. OBJETIVOS PASTORAIS

1. Acompanhar e participar em todo o processo sinodal, aprendendo, aperfeiçoando e consolidando a prática da sinodalidade, como forma de ser e de edificar a Igreja neste milénio, tendo em conta os passos deste caminho.
2. Fazer da reta final do caminho de preparação e da celebração da JMJ 2023 uma extraordinária oportunidade para o envolvimento e rejuvenescimento de toda a comunidade diocesana: mais feliz, mais recetiva à novidade, mais criativa e mais atenta à realidade.
3. Aproveitar o desafio da hospitalidade, no âmbito do acolhimento dos jovens do mundo inteiro em Portugal, por ocasião da JMJ 2023, para valorizar e melhorar a formação e a prática do acolhimento pastoral e da hospitalidade, como marca distintiva de uma Igreja, Mãe de coração aberto: uma Igreja de portas abertas, para deixar entrar e para fazer sair e expedir em missão.
4. Intensificar o esforço por renovar o tecido da comunidade cristã, a partir da centralidade da Eucaristia, e revitalizar os grupos pastorais, ousando novas propostas e respostas criativas e realistas às necessidades pastorais emergentes.

IV. LINHAS PROGRAMÁTICAS

4.1. NO ÂMBITO DA SINODALIDADE

1. Dar atenção e seguimento à síntese da fase diocesana do processo sinodal.
2. Adotar um estilo pastoral sinodal, em que sejam ativados a escuta recíproca, o discernimento cuidado, a decisão partilhada... para edificar a comunidade e projetá-la em missão no mundo.
3. Criar, nos diferentes órgãos de participação e corresponsabilidade, hábitos de escuta e de leitura atenta da realidade, de discernimento dos caminhos de evangelização e de avaliação, em ordem à renovação pastoral.

4. Experimentar formas participativas de exercer a corresponsabilidade no anúncio do Evangelho e no compromisso para construir um mundo mais belo e mais habitável (cf. Doc. Preparatório do Sínodo, n.º 2).
5. Valorizar e revitalizar as instâncias organizativas da corresponsabilidade pastoral: o Conselho Económico Paroquial e Diocesano, o Conselho Paroquial de Pastoral e o Conselho Diocesano de Pastoral, os Conselhos Vicariais de Pastoral e o Conselho de Vigários, o Conselho Presbiteral e o Conselho Episcopal.
6. Desenvolver sinergias dentro e entre as comunidades paroquiais, uma vez que nem todas podem garantir todos os serviços essenciais.
7. Pensar e implementar paulatinamente as unidades pastorais, em função da realidade diocesana, plural e multifacetada, nas suas diversas Paróquias, Vigararias e Regiões Pastorais.
8. Superar a mentalidade que separa sacerdotes e leigos, considerando protagonistas os primeiros e executores os segundos, e levar por diante a missão cristã, conjuntamente, leigos e pastores como único povo de Deus. Toda a Igreja é comunidade evangelizadora.
9. Reconhecer e apreciar a riqueza e a variedade dos dons e carismas que o Espírito concede em liberdade, para o bem da comunidade e em benefício de toda a família humana.
10. Acolher, valorizar, integrar e potenciar o contributo específico dos Movimentos, Associações e Obras, na elaboração, aplicação e avaliação do Plano Diocesano de Pastoral, em ordem a uma Igreja mais plural, mais participativa, mais aberta ao mundo e com um laicado missionário.
11. Relançar a intervenção dos Movimentos, Instituições e Associações ligados ao mundo do trabalho e valorizar a intervenção dos leigos na relação da Igreja com o mundo.

4.2. NO ÂMBITO DA JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE

12. Preparar e celebrar a JMJ 2023, de modo que esta iniciativa promova, em meio escolar ou em meio eclesial, a evangelização dos jovens, a resposta vocacional e o rejuvenescimento das comunidades cristãs.
13. Dar justo protagonismo aos jovens e tornar efetiva a sua participação ativa nos lugares de ação pastoral, não apenas no plano da execução, mas também nos processos de planeamento, discernimento, elaboração e tomada de decisão.
14. Acentuar a dimensão da alegria, na proposta, formação, celebração e vivência da fé, como antídoto e vacina contra o individualismo radical.
15. Realizar encontros vicariais de adolescentes para motivar os mesmos a acolherem as propostas da JMJ e acompanharem, nas vigararias, a sua realização.
16. Preparar a passagem do processo catequético da Adolescência para a sucessiva integração nos âmbitos da Pastoral da Juventude.
17. Promover o contributo da mundividência cristã no meio escolar.
18. Cuidar da relação entre a fé e a cultura, valorizando a via da beleza.

4.3. NO ÂMBITO DA HOSPITALIDADE

19. Formar pessoas (ao nível das ciências humanas e teológicas) de portas abertas ao Espírito e aos outros, atentas a todos, para que nas nossas comunidades todos se sintam em casa. É preciso inclinar o ouvido e escutar em profundidade, sobretudo o mal-estar social agravado pelo abrandamento ou cessação de muitas atividades económicas como efeito da pandemia.
20. Aliar o acolhimento afável ao anúncio e à proposta de um caminho mais exigente, com disponibilidade para o acompanhamento das pessoas nos seus contextos e possibilidades de vida.
21. Ousar novos percursos, novos caminhos, também os da evangelização *pessoa a pessoa* e pelo caminho (cf. EG 127), o que requer: uma nova mentalidade, novos itinerários, novos processos, novos companheiros de caminhada, novos agentes pastorais, uma nova arte e novas formas de acolhimento e de acompanhamento pastorais, onde joga papel essencial a capacidade de escutar, convocar, convidar, de envolver e de atrair para Cristo, com o próprio testemunho de vida.
22. Valorizar o ministério do acolhimento e o acolhimento de novos ministérios.
23. Criar novos grupos pastorais, de acordo com as necessidades locais emergentes (turismo, cuidado da casa comum, imigração, sem-abrigo, famílias enlutadas, toxicod dependência e outras adições, infoexclusão, etc.).
24. Ousar uma *nova fantasia da caridade*, isto é, uma caridade criativa, a nível pessoal e eclesial, capaz de responder aos gritos, quantas vezes silenciosos, da pobreza, agravada pelos efeitos da pandemia e da guerra na Ucrânia.
25. Empreender, nas paróquias, um caminho sério de reflexão e de trabalho em campo, envolvendo, num pacto educativo global, todos os agentes educativos presentes, de modo que as famílias possam crescer e fazer crescer.
26. Valorizar e envolver na vida pastoral diocesana os dinamismos e carismas próprios da vida consagrada, das obras e dos movimentos eclesiais (cf. Doc. Preparatório do Sínodo, n.º 28).
27. Cuidar de uma renovada atenção aos imigrantes e refugiados.

V. PROPOSTAS DE AÇÕES PASTORAIS

5.1. NO ÂMBITO DA SINODALIDADE

1. Instituir, recriar, reativar, renovar os conselhos paroquial, interparoquial, vicarial e diocesano de pastoral e as demais instâncias organizadas da corresponsabilidade pastoral.
2. Promover, no seio das comunidades, formas de escuta, de partilha, de discernimento, de programação e de avaliação pastorais, dando voz e vez a todos, privilegiando o trabalho em grupo e por pequenos grupos.
3. Promover a hospitalidade e a comunhão da missão, entre grupos e organismos paroquiais da mesma paróquia e entre paróquias.

4. Promover uma Assembleia de leigos, contando com a participação organizada dos Movimentos, Associações e Obras da Diocese.

5.2. NO ÂMBITO DA JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE

5. Promover o trabalho pastoral colaborativo entre os vários Secretariados Diocesanos, os COP, os COV e o COD.
6. Organizar e viver as pré-jornadas, promovendo a vitalidade de uma Diocese hospitaleira.
7. Divulgar e dinamizar a mais ampla participação possível dos jovens (dos 14 aos 30 anos) na JMJ 2023.
8. Selecionar, formar e envolver as famílias de acolhimento para a hospitalidade e o acompanhamento de jovens de todo o mundo.

5.3. NO ÂMBITO DA HOSPITALIDADE

9. Procurar e acolher e receber com alegria os filhos de Deus, que andam dispersos e regressam a casa.
10. Promover o ministério do acolhimento e a formação de agentes pastorais, de modo que este acolhimento se alargue do plano litúrgico (acolhimento à porta da igreja e para a celebração dos sacramentos) ao âmbito pastoral (acolhimento a quem se aproxima para visitar uma igreja, para pedir uma ajuda, uma informação, um sacramento, uma orientação espiritual, um caminho de integração, etc.).
11. Formar cristãos em condições de ser guias hábeis e amorosos nas difíceis transposições de fronteiras, que ocorrem diariamente na vida das pessoas.
12. Formar colaboradores pastorais mais acolhedores nos diversos serviços (de vigilância das Igrejas, de Sacristia, de Secretaria Paroquial, de acolhimento e atendimento para os Sacramentos);
13. Manter abertas as portas das igrejas, com recurso a voluntariado, sobretudo de entre pessoas que já não estão vinculadas a compromissos laborais.
14. Criar centros de escuta especializada, se não a nível vicarial, pelo menos a nível regional (ou a título experimental nalgum lugar).
15. Cuidar do acolhimento aos turistas e a quantos visitam os espaços religiosos.
16. Ceder espaços desaproveitados das paróquias a instituições da sociedade civil, como forma de aproximação e de parceria, sinal de uma Igreja de portas abertas.
17. Fazer dos seminários lugares de hospitalidade e promover as visitas aos seminários.
18. Valorizar a visita às casas das famílias, para uma verdadeira pastoral familiar.
19. Incentivar a familiaridade pastoral, com a celebração dos Dias de... (da mãe, do pai, dos avós e idosos, dos cuidadores informais, etc.), através de convívios ou outras iniciativas, que não se limitem a reuniões e celebrações.
20. Promover encontros com os *de fora*, através de eventos de índole cultural.
21. Divulgar os serviços diocesanos da Pastoral Familiar, com a sua rede de apoio a famílias em risco e Equipa de apoio ao discernimento dos casais em situações irregulares.

22. Renovar e alargar os horários, espaços e itinerários de Catequese, oferecendo percursos diferenciados e alternativos para a preparação dos sacramentos, para o acompanhamento dos pais e das crianças até à idade da Catequese.
23. Criar novos grupos e serviços, em função das novas necessidades pastorais e do novo contexto pastoral de pós-pandemia, nomeadamente pela constituição e formação dos agentes das Equipas Paroquiais e Vicariais da Pastoral da Saúde.
24. Iniciar, com criatividade, novos percursos de reiniciação cristã. A um acolhimento sempre cordial alie-se uma proposta realista de caminho formativo, em ordem ao despertar, ao crescer e ao aprofundar da fé.
25. Aplicar as orientações do Novo Diretório para a Catequese e o «Itinerário de Iniciação à Vida Cristã das Crianças e dos Adolescentes com as Famílias» aprovado pela CEP.
26. Promover amplamente o catecumenato (em particular a nível vicarial, criando estruturas de promoção, divulgação e formação) e a formação permanente.
27. Evangelizar os idosos, *com a família*, acompanhando os diversos mundos da solidão, envolvendo nesta pastoral dos idosos e dos frágeis, além dos Ministros Extraordinários da Comunhão, os Visitadores de Doentes e os Vicentinos, as Associações, as Irmandades, as Confrarias, as IPSS, as instituições sociais em campo, com as quais se deve trabalhar em rede.
28. Desenvolver o ministério da escuta, o *apostolado do ouvido*, dirigido principalmente às situações de solidão presentes no tecido da comunidade. Por que não criar o «Dia da escuta»?
29. Acolher, reconhecer, formar e acompanhar os cuidadores, especialmente os cuidadores informais.
30. Evangelizar as redes sociais e pelas redes sociais, como canais de anúncio do Evangelho e espaços de construção da fraternidade humana.

Acolher no amor, por amor e com amor, é o primeiro passo que devemos dar, para abrir a todos a porta da fé. Que a nossa Igreja do Porto seja, à imagem de Maria, “*uma Mãe de coração aberto*” (EG 46-47), onde cada um se torna uma “*porta que mora à espera*” (Daniel Faria), para que todos possam dizer com verdade: “*A porta da fé está sempre aberta para nós*” (At 14,27)!

VI. CALENDÁRIO DIOCESANO

Nota prévia: Este calendário está incompleto e é atualizável na agenda pastoral publicada *online*, no site da nossa diocese, onde serão lançadas todas as atividades promovidas pelos Secretariados Diocesanos, Vigararias, Obras e Movimentos, de que se tenha conhecimento prévio. Aqui destacamos as datas das celebrações e das iniciativas pastorais de maior significado diocesano.

2022

Julho

4 – Reunião de vigários e adjuntos

4 a 9 – XVII Jornadas Catequéticas | CDV | SDEC

10 – Ordenações de diáconos e presbíteros | Celebração na Igreja Catedral (16h00)

23 e 24 – KM 11 | SDPJ

24 – 2.º Dia Mundial dos Avós e Idosos | Tema: “Dão fruto mesmo na velhice” (Sl 92, 15)

Agosto

15 – Solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria, Padroeira da nossa Diocese do Porto

22 a 27 – Curso de Missiologia – Fátima | SDPM

Setembro

1 – Recoleção para novos MEC | CDV | SDL (9h30)

9 – Dedicção da Igreja Catedral | Igreja Catedral do Porto (19h00)

10 – Encontro de Formação para Animadores, Equipas, Assessores, Infância e Adolescência Missionária | SDPM

12 – Missa de Sufrágio pelos bispos, presbíteros e diáconos | Igreja Catedral do Porto (19h00)

23 – Inauguração das Igrejas “Porto de Abrigo” em cada Vigararia | SDPJ

Outubro

Neste mês, abertura das inscrições para famílias de acolhimento | SDPF e SDPJ

1 a 31 – Peregrinação dos Símbolos da JMJ | SDPJ | Vigararias | Secretariados Diocesanos

1 – Receção dos símbolos da JMJ (provenientes de Vila Real) | Sé do Porto | Vigília «Ora arranca»

2 – Celebração da designação de novos MEC: Igreja Catedral do Porto (15h30)

2 – Peregrinação dos símbolos da JMJ | Eucaristia no Santuário do Monte da Virgem | Região Pastoral do Grande Porto (16h00)

- 2 a 4 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Espinho – Ovar
- 4 e 5 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Gaia Sul
- 5 e 6 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Gaia Norte
- 6 a 9 - Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararias de Porto Nascente e Porto Poente
- 9 – Formação permanente para os MEC| CDV | SDL (15h00)
- 9 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Eucaristia no Santuário de Nossa Senhora de La Salette | Região Pastoral Sul (16h00)
- 9 a 11 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Arouca – Vale de Cambra
- 12 e 13 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Santa Maria da Feira
- 13 e 14 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Amarante
- 14 e 15 – Congresso Missionário – Lisboa | SDPM
- 14 e 15 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Baião
- 15 e 16 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Marco de Canaveses
- 16 – Formação permanente para os MEC| Bustelo, Penafiel | SDL (15h00)
- 16 – Peregrinação dos símbolos da JMJ | Eucaristia no Santuário de Nossa Senhora do Sameiro | Região Pastoral Nascente (16h00)
- 16 a 18 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Penafiel – Castelo de Paiva
- 18 – Formação permanente para os MEC| Colégio de Santa Teresa, Santo Tirso | SDL (21h00)
- 18 e 19 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Felgueiras
- 19 e 20 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Lousada
- 21 – Vigília Missionária | SDPM
- 21 e 22 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Paredes
- 22 – Conselho Diocesano de Pastoral
- 23 – Dia Mundial das Missões | SDPM
- 23 – Formação permanente para os MEC | Centro Pastoral de Amarante | SDL (15h00)
- 23 – Peregrinação dos símbolos da JMJ | Eucaristia no Santuário de Nossa Senhora da Assunção | Região Pastoral Norte (16h00)
- 23 a 25 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Trofa – Vila do Conde
- 25 – Formação permanente para os MEC | São João da Madeira | SDL (21h30)
- 25 e 26 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Santo Tirso
- 26 e 27 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia da Maia
- 27 e 28 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Matosinhos
- 28 e 29 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Gondomar
- 29 e 30 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Valongo
- 30 – Início da Semana dos Seminários
- 30 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Seminários e Congregações (Seminário do Bom Pastor)
- 30 – Peregrinação dos símbolos da JMJ – Vigararia de Oliveira de Azeméis – São João da Madeira

Novembro

- 1 – Solenidade de Todos os Santos
- 2 – Comemoração de Fiéis Defuntos
- 6 – Conclusão da Semana dos Seminários
- 13 – 6.º Dia Mundial dos Pobres | Tema: “Jesus Cristo fez-Se pobre por vós” (cf. 2 Cor 8, 9)
- 15 – Reunião de vigários e adjuntos
- 16 – Conselho Presbiteral
- 19 – Cristo Rei | Dia Diocesano da Juventude | SDPJ
- 20 – Solenidade de Cristo Rei
- 21 a 25 – Retiro do clero (1.º turno)
- 27 – 1.º Domingo do Advento | Celebração na Igreja Catedral com instituição de ministérios laicais (16h00)
- 30 – Recoleção espiritual de Advento para o clero | SMP (10h00)

Dezembro

- 8 – Solenidade da Imaculada Conceição | Celebração na Igreja Catedral com Ordenações de diáconos (16h00)
- 25 – Solenidade do Natal do Senhor | Celebração na Igreja Catedral (11h00)
- 30 – Festa da Sagrada Família

2023

Janeiro

- 1 – Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus | Celebração na Igreja Catedral
- 8 – Solenidade da Epifania do Senhor | Dia Mundial da Infância Missionária | SDPM
- 9 – Festa do Batismo do Senhor
- 11 – Reunião de vigários e adjuntos
- 16 a 20 – Retiro do clero (2.º turno)
- 21 e 22 – 24 horas de oração pela JMJ |SDPJ
- 22 – Domingo da Palavra (3.º Domingo Comum | Ano A)
- 26/1 a 2/2 – Semana do Consagrado | SDPV

Fevereiro

- Durante o mês: Iniciativa «Missão Limpar Portugal» | JMJ | SDPJ
- 2 – Festa da Apresentação do Senhor | Dia do Consagrado | Celebração na Igreja Catedral (19h00)
- 4 – Conselho Diocesano de Pastoral
- 5 – Formação permanente para os MEC | CDV | SDL (15h00)
- 8 – Formação permanente para os MEC | Auditório Claret, Carvalhos | SDL (21h30)

- 11 – Dia Mundial do Doente | SDPS
- 12 – Formação permanente para os MEC | Bustelo, Penafiel | SDL (15h00)
- 14 – Formação permanente para os MEC | Colégio de Santa Teresa, Santo Tirso | SDL (21h00)
- 15 – Conselho Presbiteral
- 15 – Formação permanente para os MEC | São Mamede de Infesta | SDL (21h30)
- 15 – Formação permanente para os MEC | São João da Madeira | SDL (21h30)
- 22 – Cinzas | Início da Quaresma
- 24 – Via-Sacra no âmbito da preparação da JMJ | SDPJ
- 26 – Formação permanente para os MEC | Centro Pastoral de Amarante | SDL (15h00)

Março

- 7 – Recoleção espiritual da Quaresma para o clero | SMP (10h00)
- 15 – Reunião de vigários
- 17 e 18 – Iniciativa *24 horas para o Senhor*
- 25 – Vigília JMJ | SDPJ

Abril

- 2 – Domingo de Ramos | Celebração na Igreja Catedral (11h00)
- 6 – Quinta-Feira Santa | Celebrações na Igreja Catedral (10h00 – Missa crismal | 17h30: Missa da Ceia do Senhor)
- 7 – Sexta-Feira Santa | Celebração da Paixão do Senhor na Igreja Catedral (15h00)
- 8 – Vigília Pascal | Celebração na Igreja Catedral (21h30)
- 9 – Domingo de Páscoa | Celebração na Igreja Catedral (11h00)
- 23 – Hora JMJ | SDPJ
- 23 – Escutar Deus na Voz dos Jovens | SDPJ
- 23 – Início da Semana de Oração pelas Vocações | SDPV
- 28/4 a 7/5 – Semana Missionária Vicarial em Santo Tirso | SDPM
- 30 – Domingo do Bom Pastor | Dia Mundial de Oração pelas Vocações | Celebração na Igreja Catedral (11h00)

Mai

- 1 – Instituição do Dia do Professor de EMRC | SDEIE
- 6 – Conselho Diocesano de Pastoral
- 7 – Festa das Missões | SDPM
- 10 – Reunião de vigários e adjuntos
- 19 – XIX Encontro Diocesano de Alunos de EMRC (Semana Nacional da EMRC)
- 21 – Solenidade da Ascensão do Senhor | Dia Mundial das Comunicações Sociais
- 24 – Conselho Presbiteral
- 28 – Solenidade do Pentecostes | Celebração na Igreja Catedral (11h00)

Junho

2 – Caminhada da Fé | JMJ | SDPJ

4 – Solenidade da Santíssima Trindade | Dia Diocesano da Família | SDPF

8 – Solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo | Celebração da Eucaristia (11h00) e Oração de Vésperas na Igreja da Trindade seguida de Procissão (16h00)

13 a 15 – Tríduo Preparatório da solenidade do Coração de Jesus, com Eucaristia e Pregação | Igreja do Sagrado Coração de Jesus das Irmãs do Bom Pastor em Ermesinde

16 – Solenidade do Sagrado Coração de Jesus – Festa Diocesana do Apostolado da Oração | Dia Mundial de Oração pela Santificação dos Sacerdotes | SDPV | Igreja do Bom Pastor | Ermesinde (21h00)

Julho

3 a 8 – XVIII Jornadas Catequéticas | SDEC

3 e 4 – Reunião de vigários e adjuntos

8 – Curso de preparação para novos MEC – 1.º dia | CDV | SDL (de manhã e de tarde)

9 – Ordenações | Igreja Catedral do Porto (16h00)

15 – Curso de preparação para novos MEC – 2.º dia | CDV | SDL (de manhã)

24 a 31 – Dias da Diocese no âmbito da JMJ 2023 | SDPJ

Agosto

1 a 6 – JMJ 2023 | Lisboa

APÊNDICE: BREVE EXAME DE CONSCIÊNCIA PASTORAL SINODAL

1. Nas nossas Paróquias, há equipas de acolhimento, para as celebrações, sobretudo do Batismo, da Eucaristia, do Matrimónio, das Exéquias, onde participam tantos convidados “*que estão de fora* e para quem a liturgia se torna tantas vezes inóspita?!
2. Nas nossas celebrações, como *tratamos* quem chega *de fora*? Recebemo-los tão bem, que os próprios, de tão bem acolhidos, se tornam também eles acolhedores?
3. Como acolhemos na comunidade os estranhos e os estrangeiros?
4. Nas nossas Paróquias, há sempre alguém no confessional? Que possibilidades há para a celebração do Sacramento da Reconciliação, em termos de horários e lugares? São conhecidas?
5. Estamos disponíveis para ver e rever horários das secretarias paroquiais? Estão ajustados às necessidades?
6. Estamos disponíveis para ver e rever horários de abertura das igrejas? Respondem à procura?
7. Estamos disponíveis para ver e rever o número e horários das Missas? São de mais? São de menos? Há *concorrências* e *sobreposições* de horários, em igrejas e capelas, do mesmo território? Como *racionalizar*?
8. Estamos disponíveis para tornar acessível o Batismo?
9. Como respondemos aos adultos que pedem o Batismo? Temos um catecumenato organizado?
10. Os percursos de preparação para os sacramentos (especialmente dos sacramentos da iniciação e do Matrimónio) respondem às necessidades? Ou o esquema é demasiado rígido e muitos ficam *de fora*? Como melhorar?
11. Os horários e o modo de funcionamento da Catequese estão adequados? Seria oportuna uma organização interparoquial da Catequese, quando a frequência desta não permite a constituição de grupos viáveis (por excesso ou por *míngua*) ou não responde ao problema da mobilidade e da divisão no interior das famílias?
12. Conhecemos bem o terreno, o nosso *território*, com as suas riquezas e pobreza, problemas e respostas?
13. Dialogamos e colaboramos subsidiariamente com as instituições *em campo*?
14. Se conhecemos bem este terreno, que situações requerem claramente uma mudança pastoral?
15. Seria sensato, útil e pastoralmente viável *especializar* algumas Paróquias ou Igrejas (ou Reitorias ou Ordens religiosas) em algum tipo de resposta pastoral, tais como: acolhimento a turistas e imigrantes, momento espiritual, celebração da Reconciliação, catequese para deficientes, catecumenato, espaço de retiro...ou outros?
16. Que respostas oferecemos, de modo que os pobres se sintam na Igreja como em sua casa?
17. Que respostas a novas pobreza estamos a descurar? Como as podemos articular na nossa pastoral?

PARTE II

SÍNODO 2023

SÍNTESE DIOCESANA DO PROCESSO SINODAL

1) DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE RECOLHA DE INFORMAÇÃO

É com grande alegria e esperança que apresentamos a síntese possível das respostas dos diocesanos do Porto ao processo de consulta para o Sínodo dos Bispos de 2023, sentindo-nos muito gratos pela participação de todos. Grande é também a alegria e a gratidão por este processo sinodal de escuta do povo de Deus, em grande parte inédito na vida da Igreja. Muitas foram as manifestações de gratidão por esta iniciativa, vindas das comunidades locais, que sentiram a alegria de participar e a esperança de que daqui resultem verdadeiros processos de transformação, que vençam a inércia sem cair na ideologia da mudança, nem na mera cosmética.

O método sinodal pede que a participação se faça em grupos de escuta e diálogo e não tanto na resposta individual a um questionário prévio, atrás de um ecrã. Nesse sentido, a calendarização proposta merece alguns reparos. O *Vademecum* poderia ter chegado de modo a possibilitar que a consulta se iniciasse com o ano pastoral. Não sendo assim, o tempo necessário para mobilizar as comunidades levou a que o trabalho nos grupos se desenrolasse sobretudo entre janeiro de 2022 e a Páscoa passada. Melhor será esquecermos o primeiro prazo de resposta. O desejo de alargar a consulta aos âmbitos menos tradicionais do espaço eclesial pediria uma mobilização nacional, com ampla divulgação nos meios de comunicação, fazendo da consulta um acontecimento público. Como assim não aconteceu, a possibilidade de escutar as periferias e a sociedade em geral cingiu-se às estruturas eclesiais que já têm trabalho nesses âmbitos, chegando a níveis de participação bastante discretos.

Na diocese do Porto, o caminho sinodal ativou-se a partir das reuniões de vigários da vara, de uma assembleia de movimentos e obras e da colaboração com a CIRP. A partir da divulgação que estes fizeram junto dos párocos e comunidades locais, procurou-se criar uma outra rede de contactos para a dinamização do processo e a receção das respostas, rede esta muito dependente da iniciativa dos responsáveis locais, sobretudo dos presbíteros. Neste processo fica muito clara a dificuldade de comunicação, apesar do recurso às plataformas mais comuns. A comunicação é um aspeto fundamental a qualquer caminho sinodal, que, para o futuro, deve ser trabalhado com uma estratégia sólida e uma persistência sem tréguas.

Na diocese do Porto, o jornal diocesano, *Voz Portucalense*, dedicou um espaço semanal à publicação de opiniões, notícias, entrevistas e artigos de fundo sobre o tema. A disponibilização destes conteúdos no jornal e nas plataformas online foi fundamental para o processo. Ao mesmo tempo, a comissão diocesana, além do contacto via email, criou uma página web que disponibilizou toda a documentação e informação, bem como material de formação, no qual se destaca a produção de quatro vídeos em colaboração com o gabinete de comunicação diocesano.

A comissão sinodal diocesana implementou dois modos de participação, sendo o primeiro e o mais essencial, o trabalho em grupos, com uma plataforma online de resposta diocesana. Por meio da rede de contactos, propôs-se que cada comunidade ou grupo trabalhasse o *Vademecum*, fornecendo versões simplificadas do mesmo e

disponibilizando ajuda e materiais de formação, que aproveitaram mesmo a outras dioceses. O segundo, para permitir a participação de todos quantos não se enquadraram em algum grupo, passou pela abertura de um questionário individual, também online, durante um mês.

Deixando a cada comunidade a escolha do método a usar, verificámos que a maioria optou por partir dos grupos já formados, criando outros grupos a propósito, ou ainda criando grupos de interação entre membros dos vários grupos já existentes. Sobretudo por causa da inibição gerada pela pandemia para o encontro pessoal, muitos optaram por formas de encontro online, e muitos desistiram da forma mais rica do encontro de grupo para enveredar por métodos de consulta individual

Algumas comunidades foram bastante criativas no modo de gerar participação, usando os dois modos de encontro de grupo e questionário individual, com a colocação de pontos de recolha de respostas em lugares públicos, ainda que o nível de participação registado seja modesto. Algumas comunidades procuraram ir ao encontro das instituições civis e animá-las a participar, mas com níveis de participação residuais. Uma vez mais, parece ter faltado fazer desta consulta um “evento nacional”.

Registe-se ainda a enorme dificuldade em perceber o que se perguntava, por muitos manifestada. A mesma dificuldade sentiram os que tomaram as questões dos dez eixos temáticos como perguntas a responder, dificultando a síntese final. Em todo o caso, parecendo-nos que as questões colocadas dificultavam a participação de pessoas menos envolvidas no ambiente eclesial, bem como dos mais jovens, divulgámos um breve modelo de questionário alternativo.

Outras dificuldades se registam, no que toca a estar em grupo, dar opinião com desapego e escutar com disponibilidade. Algumas comunidades, viram-se obrigadas a abrandar o processo, pois despertaram velhos ressentimentos e conflitos adiados, mas não resolvidos, que tomaram conta da discussão. Percebe-se que muitas respostas surgem em ambiente de controvérsia, sobretudo naqueles temas que, muito falados na opinião pública, geram maior desconforto quando chega a hora de procurar um consenso.

A este propósito, é muito importante dizer que este modo de consultar, não perguntando sobre um tema específico, mas abrindo espaço à manifestação de opiniões, leva a que muitas comunicações insistam em temas que não geraram consenso, nem o gerariam, se propostos de modo universal. Pode, pois, parecer que um grande número de opiniões num dado sentido indique uma mudança evidente, mas o que se evidencia é a necessidade de tratar estes temas com maior profundidade e abertura, e isso não é pouco. É bom que as respostas registem também o que não foi consensual.

Em tudo quanto se segue, procura-se refletir esta participação, deixando de fora aspetos mais locais e circunstanciados, que serão tratados noutra âmbito, e procurando discernir com cuidado e em oração o que se deve registar e comunicar.

2) APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Até ao fim do prazo, recebemos 181 respostas de grupo, que representam 194 paróquias, das 477 da diocese, 30 comunidades de vida consagrada, movimentos e grupos, e ainda outros grupos paroquiais que quiseram enviar a sua própria resposta. Também de algumas paróquias que não responderam, chegaram as razões da ausência e outras respostas têm, entretanto, chegado. Recebemos ainda 517 respostas ao questionário pessoal, que mantivemos aberto apenas no último mês.

Dos temas mais debatidos, o primeiro que se destaca é o que engloba tudo quanto se refere à pouca participação na vida eclesial, sobretudo dos jovens que se sentem pouco tidos em conta, mas também dos jovens adultos que muitas vezes se sentem cansados e sem tempo. O desinteresse dos jovens e a rutura com a moral cristã, são referidos pela maioria. Também as divisões entre os frequentadores das atividades eclesiais, onde muitas vezes a frontalidade cede lugar à maledicência, e o criticismo dirigido contra quem participa, demovem de uma resposta mais generosa ao compromisso cristão. Sente-se também que é pouco valorizado o compromisso cristão na vida profissional, sem envolvimento em grupos mais formais. A pouca participação sente-se ainda, de modo especial, na diminuição da frequência da Eucaristia.

Da participação litúrgica, mormente na Eucaristia, emerge um segundo tema que é o da dificuldade de encontrar uma linguagem compreensível, nas palavras e sinais. Manifesta-se o desejo de maior cuidado na preparação das celebrações, que se querem atuais, alegres e significativas, e sobretudo das homilias. A homilia é muito apreciada e, por isso, ao mesmo tempo, muito criticada.

Tema muito presente, e lugar de tensão e falta de consenso, é tudo o que concerne a abertura ao acolhimento de quem não está em regra com a moral cristã. A inclusão dos que viram falhar os seus matrimónios, a sua aceitação como padrinhos de batismo, sendo posta em questão a manutenção do ministério dos padrinhos, os que vivem a sua sexualidade de modo diferente e quantos se sentem rejeitados pelas comunidades cristãs.

Para que não seja uma Igreja só de alguns, discute-se a necessidade de escutar e acolher, até porque estas situações tocam de perto as famílias todas. Da tensão que o tema revela, pode-se inferir o que nunca se diz sobre o quanto este acolhimento deve ou não ter de proposta de conversão. Neste sentido, também foi tema presente haver muitas pessoas que procuram a Igreja como prestadora de serviços “à la carte”, que se usa e descarta, sem compromisso de vida.

Também fraturantes são as propostas abundantes de tornar opcional o celibato dos sacerdotes e da ordenação de homens casados e de mulheres. De perto com estas propostas, anda a preocupação pela diminuição do número de sacerdotes, muito ocupados com tarefas administrativas e pouco disponíveis. Discute-se muito o tema do clericalismo, presente na articulação do ministério dos presbíteros, dos diáconos e da participação dos leigos, em

especial das mulheres. Apesar de se constatar que a maioria dos grupos é dirigido por mulheres, discute-se a sua participação de pleno direito em lugares de decisão. Em contraponto, é muito referido o excessivo protagonismo de alguns leigos, face a um desejo manifesto de maior proximidade e comunhão entre todos, sem autoritarismo de ninguém.

A questão dos abusos sexuais no seio da Igreja e o modo de a tratar é tema recorrente e debatido, com preocupação e desejo de maior transparência e celeridade.

A abertura da Igreja aos sinais dos tempos e à sociedade, a sua falta de visibilidade no espaço público, o aparecer ainda ligada ao poder, o uso dos meios de comunicação, a falta de compromisso e testemunho dos cristãos, a necessidade de transparência na vida eclesial, sobretudo nas questões económicas, a necessidade de formação, sobretudo bíblica, para todos, mesmo para os sacerdotes, são outros tantos temas relevantes, entre muitos que ficam por referir.

Uma vez que o Sínodo pede um olhar sobre a Igreja e o que deveria mudar, pode parecer que a imagem da instituição que prevalece é negativa, quando, na verdade, são muitos os que pensam que a Igreja não precisa de mudar, mas sim que os cristãos precisam de maior verdade na vivência da fé. Na maior parte das respostas há um balanço entre aspetos positivos e negativos, retratando uma Igreja feita de múltiplas vivências, a diferentes velocidades, mesmo que a consulta privilegie o olhar sobre o que deve mudar.

A ideia de Igreja manifestada nas respostas à consulta sinodal é muitas vezes reduzida e centrada na ideia ou imagem que os participantes têm da sua paróquia, confundindo-se uma com a outra. Não é, pois, de espantar que nem os aspetos negativos nem os positivos sejam universais, dependendo da experiência particular de cada crente, grupo ou comunidade.

A partir da realidade concreta de ser Igreja na Diocese do Porto, ressaltam os seguintes **ASPETOS NEGATIVOS**: considera-se que a Igreja se apresenta como um corpo fechado sobre si mesmo, mais reativo do que proactivo, muito tradicional, pouco aberto ao mundo, envelhecido esvaziado e apático, com muita dificuldade em se adaptar aos novos tempos, em declínio, com um número decrescente de fiéis, pouco transparente e pouco dado a dar contas na gestão e planeamento, tendencialmente conservador e crítico das novas dinâmicas sociais e culturais, incapaz de propagar uma mensagem clara no que respeita a temas fraturantes da sociedade, acentuando uma *práxis* com base em restrições e obrigações e onde as alterações ou atualizações que são definidas demoram muito tempo a serem implementadas.

Continua a ter uma atitude demasiado hierárquica, clerical, corporativa, pouco transparente e resistente à mudança, protegendo-se a si mesma antes de proteger a comunidade de fiéis, como aconteceu no caso dos escândalos de abusos sexuais na Igreja.

A Igreja revela pouca abertura para acolher as situações irregulares, que são geradoras de grande sofrimento para alguns grupos de pessoas. É uma Igreja pouco inclusiva e acolhedora, quer em termos espirituais, quer em termos humanos, marginalizando divorciados, recasados, pessoas em «união de facto» e pessoas com diferentes orientações sexuais, dando igualmente pouca atenção a pessoas com deficiência. Há falta de clareza quanto ao que é pecado e lamenta-se a condenação pública. Uma Igreja que não escuta, com dificuldade crescente em cativar os jovens.

Revela alguma soberba na atitude e na escuta, desvalorizando os anseios e as expectativas de leigos e leigas e dos jovens, relegando-os, demasiadas vezes, para o papel de recetores passivos. É uma Igreja na qual as mulheres ainda não são consideradas em igualdade com os homens. Revela-se, ainda, pouco aberta à alteração dos rituais e da linguagem litúrgica, isto é, com rituais e com uma linguagem pouco atual e entendível. A liturgia não incorpora as realidades humanas e os sacramentos não são experimentados como sinais de salvação, mas como ocasiões sociais. Não se compreende que se “paguem” os sacramentos.

A Igreja não assume práticas frequentes e efetivas de sinodalidade, de tomada de decisões de forma partilhada e discernimento comunitário. A participação dos leigos não é acolhida pela hierarquia, a não ser pontualmente e quase sempre a título de benevolência, quase nunca com reflexos práticos concretos, denotando a existência de poucos espaços de diálogo. É crescente a perceção da dificuldade de a Igreja ser verdadeiramente escutada para lá das suas fronteiras, mesmo que os problemas sociais sejam parte integrante da sua mensagem.

O ecumenismo e o diálogo com outras instâncias da sociedade continuam a ser insuficientes.

O clericalismo de padres, diáconos e leigos é um obstáculo à escuta e à mudança. Parte do clero não anuncia, não pratica o Evangelho e os valores de Cristo, procuram a ostentação e a riqueza e não seguem as orientações da Igreja. Muitos párocos não querem delegar serviços, por medo de perder o poder e o prestígio. A maioria dos sacerdotes está sobrecarregada com o serviço de muitas paróquias, tarefas administrativas e celebração de muitas missas. Não têm tempo para cuidar de si e dos seus paroquianos, para a sua formação contínua e para alimentar a sua própria espiritualidade. Sente-se falta de formação para clérigos e leigos, sobretudo os que prestam algum serviço. São necessários cada vez mais padres pastores e menos padres gestores ou administradores de estruturas da igreja, sendo cada vez mais necessário que essas estruturas sejam geridas por leigos responsáveis. Tudo isto contribui para exista um significativo distanciamento entre o clero e os leigos.

Olhando os **ASPETOS POSITIVOS** da Igreja, esta é vista como um espaço de encontro, de experiência pessoal, onde se sonha e partilha e se organiza a vida da comunidade. É lugar de reunião de uma família espiritual, sempre em construção e conversão. Espaço de acolhimento, de crescimento na fé, de escuta da Palavra de Deus partilhada em comunidade. Um lugar onde se presta um serviço aos mais marginalizados, doentes e pobres, onde existe um

sentimento de pertença, de comunidade, onde se recebem valores e princípios. A diversidade de grupos na Igreja, dá espaço a cada um para colocar ao serviço dos outros os seus diferentes carismas.

É reconhecida a ação social desenvolvida por diferentes estruturas da Igreja, louvado o trabalho que a Igreja realiza em favor dos irmãos mais desfavorecidos e excluídos, muitas vezes escondido, uma vez que a Igreja não é perita em dar a conhecer o muito trabalho que desenvolve nesta área.

A ideia de Igreja mais marcante é a de um corpo que está em processo contínuo de mudança, de atualização. Constata-se que é crescente e significativo o número de fiéis que o são não por tradição, mas por convicção. Sublinha-se a liberdade experimentada numa fé de portas abertas, à qual se adere e que se vive livremente.

Vivenciam uma Igreja a caminho, cuja peregrinação reflete a fragilidade e os limites da condição humana, mas também é reveladora da ação do Espírito Santo. Com um longo caminho percorrido, experimentou nas últimas décadas alterações profundas ao nível estrutural e participativo, com especial realce para o papel e a vocação do leigo pela tomada de consciência de pertencermos a uma Igreja onde todos somos responsáveis e missionários.

A Igreja continua a dar sentido à vida de muitos fiéis, que têm na sua fé o pilar para suportar as adversidades da sua vida, que reconhecem que esta tem um papel fundamental na transmissão de um conjunto de valores humanos que são essenciais à vida em comunidade. É substrato para o crescimento na fé, estruturante na transmissão de valores, abre-nos à solidariedade e à caridade e rasga horizontes para a promoção de um mundo mais justo. Num mundo no qual prevalece o individualismo, quem pertence à Igreja tem sempre um sítio ao qual pode voltar, um reduto de espiritualidade num mundo em que muitos recusam a transcendência. Ela é o alicerce.

Na Igreja há uma crescente abertura para ajudar e ouvir todos, independentemente da raça e religião. O cuidado com o próximo, o acolhimento aos outros, a valorização do conceito de Casa Comum, a riqueza presente na diversidade de modos de expressar a fé, o serviço como estilo de vida e a partilha são marcas referenciais do ser Igreja de Jesus Cristo.

De sublinhar, neste ser Igreja, o papel das comunidades de vida religiosa e congregações, que constituem espaços privilegiados de escuta da Palavra de Deus, de vivência da liturgia, de oração, de partilha fraterna, de serviço, de diálogo, de aprendizagem de lideranças partilhadas na inserção nos diversos grupos paroquiais.

Importa realçar que um número significativo de pessoas se mostrou bastante agradada com a abertura que a Igreja demonstrou com este Sínodo, com esta consulta ao Povo de Deus, com o "querer escutar". As pessoas sentiram-se ouvidas pela Igreja o que foi tido como um dos pontos mais positivos deste "caminhar juntos".

3) VISÃO DA IGREJA ATUAL

Importa, agora, questionar que aspetos da vida da Igreja Católica necessitam ser imersos num verdadeiro processo de conversão e que propostas significativas foram apresentadas nesta recolha sinodal que mereçam ser estudadas, debatidas e implementadas? Os aspetos a necessitar de conversão, sobressaem nos pontos negativos da igreja e, evitando uma desnecessária repetição, ficam expressos nos grupos de propostas que se passamos a apresentar.

A apresentação de propostas é, decerto, o mais esperado desta consulta, ainda que possam resultar de uma reflexão feita em prazos reduzidos, que pode e deve ser prolongada agora em cada comunidade. Propor caminhos é também o mais difícil.

Não temos consolidadas rotinas de projeto e avaliação e os prazos de verificação de resultados, naquilo que pretende a atividade pastoral, são demasiado largos para serem operativos. Por isso, é frequente repetirmos a mesma proposta, que se tenta instalar há décadas, sem chegarmos a saber se é preciso insistir nela ou se devemos abrir outros caminhos.

Neste ponto das respostas, é frequente a tentação de repetir o elenco das necessidades sem propor caminhos para as suprir. No entanto, da leitura das respostas surgem algumas propostas claras e universais que merecem todo o esforço de implementação e outras que, ainda que muito repetidas, não geraram consenso, mas exigem cuidada reflexão. Como seria de esperar, muitas das propostas interligam-se, formando um tecido de vida eclesial não compartimentável.

Sem estabelecer qualquer ordem de incidência ou de prioridade, são áreas de conversão e lugar de propostas a formação, a escuta e o diálogo, o encontro, o acolhimento, o tratamento dos abusos sexuais, a espiritualidade e oração, a linguagem, a comunicação, o ministério ordenado, a participação de leigos e leigas, os jovens, a família e o rosto das comunidades cristãs, que passamos a apresentar.

FORMAÇÃO

Sem hesitação, propõem-se mais momentos de formação e de diálogo, tanto para leigos, sobretudo os que servem nalgum ministério, quanto para clérigos. Formação teológica e, sobretudo, bíblica, referenciando-se especial dificuldade em aceder aos textos do Antigo Testamento. Propõe-se formação para o diálogo com a sociedade e a cultura e formação para o acolhimento. Neste âmbito, recebe especial ênfase o tema da catequese, tanto na formação dos animadores quanto na renovação dos seus métodos e conteúdos. A catequese destaca-se enquanto lugar insubstituível de formação cristã.

Dos muitos âmbitos em que se quer mais formação, ainda que seja muito pouco referido, não se pode deixar de lado o da formação para o namoro, que deveria dar fôlego a questões que acabam tratadas em tempo de recurso, na véspera da celebração do matrimônio, tantas vezes celebrado por quem já vive em comum.

As muitas referências à homilia, não vão no sentido de que acabe, até porque é muito valorizada, a ponto de qualificar a celebração, mas desafiam uma formação específica para que sejam mais cuidadas no conteúdo, na forma e na duração. Propõe-se mais exigência na formação e no discernimento para o ministério presbiteral, querendo que os sacerdotes estejam mais próximos dos leigos e mais disponíveis para os atender e acompanhar, libertando-os de tarefas que podem ser realizadas por diáconos e leigos.

Também se nota a necessidade de formação para a linguagem da liturgia, uma vez que a dificuldade de compreensão tem sempre dois sentidos: o de quem diz e o de quem escuta.

ESCUUTA E DIÁLOGO

Os encontros sinodais deixaram a abertura para mais iniciativas que os continuem, numa postura de escuta e diálogo, pedida com insistência. Um diálogo essencial para a formação e a clarificação dos conteúdos da fé e a reflexão sobre a proposta cristã para hoje. Criar uma cultura de partilha e participação ativa de todos, sem excluir qualquer tema, cultivando a prática do discernimento orante, é uma proposta clara para “caminhar juntos”.

ENCONTRO

Propõe-se com insistência que se proporcionem mais momentos de encontro e convívio. Talvez o longo tempo de pandemia tenha revalorizado esta necessidade, quando antes se verificava um certo cansaço nestas iniciativas. Nesta proposta sente-se a necessidade de valorizar a vida em comunidade e de superar conflitos e divisões que causam escândalo, para que o testemunho de comunidades que vivem a fé em comunhão e alegria seja, por si só, testemunho do evangelho.

ACOLHIMENTO

A proposta de cultivar o acolhimento é a mais presente, ainda que deva ser percebida em duas vertentes distintas. Melhorar as competências de acolhimento nas diversas interfaces da comunidade eclesial com as pessoas, sendo uma Igreja de portas abertas e de trato simpático, educado, facilitador, desburocratizado, é a primeira vertente e

um caminho irrecusável. Nesta mesma proposta se pode incluir a abertura ao diálogo com a sociedade e a cultura e ao diálogo ecuménico e inter-religioso, ainda que fique pouca clara a dimensão profética deste diálogo.

Uma segunda vertente, muito insistente e pouco consensual, é a proposta do acolhimento entendido como inclusão daquelas pessoas que vivem uma qualquer forma de irregularidade face à moral cristã ou que se sintam, de algum modo, excluídas. Quer-se, sem hesitação, uma Igreja inclusiva, aberta e acolhedora, menos preocupada com as “regras”, sem se precisar como se conjuga acolhimento e proposta cristã.

O desejo de uma “Igreja para todos”, leva a muitas propostas decididas neste sentido, que fazem deste um dos temas a merecer maior atenção futura, pois a dificuldade de compreender a proposta cristã é muito generalizada, mesmo entre aqueles que percorreram o normal Trajeto formativo cristão. É hoje, e talvez sempre tenha sido, o lugar onde o diálogo da fé com a vida se faz mais difícil. Por isso, não se pode continuar a passar em silêncio, tanto quanto não se deve fazer dele o principal lugar da fé.

TRATAMENTO DOS ABUSOS

O tema do escândalo pelo modo como foram tratados os casos de abuso sexual no seio da Igreja é muito referido na análise dos pontos negativos, mas não encontra correspondente abundância no âmbito das propostas. Ainda assim, percebe-se uma consciência crescente da importância de mudar estes procedimentos para o futuro da Igreja e, por isso, alguns propõem transparência, celeridade e rigor nesta matéria.

ESPIRITUALIDADE

Um âmbito de proposta abundante e consensual, entendido como valor essencial para o futuro da Igreja, é o que respeita à espiritualidade e à oração, O lugar da vida espiritual e, nesta, da oração, para a conversão de vida e a importância fulcral desta para a evangelização são um caminho irrecusável que deve dar rosto às nossas comunidades. Igrejas abertas para a oração com espaços cuidados e confortáveis, mais tempos de adoração eucarística e, sobretudo, liturgias menos formais, mais próximas, compreensíveis e significativas são feições deste caminho que deve crescer.

A importância da liturgia e, nesta, da celebração da Eucaristia, é fonte de uma exigência imensa para o trabalho pastoral. Cânticos, ritos, sinais, linguagem, homilia, tudo se deseja mais atual e acessível, sobretudo para as crianças e jovens, mas também mais espiritual.

Uma proposta que merece reflexão é a que sugere novos modos e tempos para a celebração do sacramento da Reconciliação, acrescida do pedido de que se criem condições de maior disponibilidade dos ministros para a mesma.

LINGUAGEM

Propõe-se o cuidado de adaptar a linguagem conforme o público, simplificando os termos mais técnicos ou teológicos, sempre que possível. Usar a linguagem para aproximar e não para afastar, para promover o diálogo e a disseminação das mensagens importantes e não para exibir eloquência e erudição.

Já referimos a necessidade de formação para a homilia e de formação para a linguagem da liturgia, mas esta questão da linguagem nas celebrações, tantas vezes entendidas como repetição monótona dos mesmos ritos de significado obscuro, percebe-se como essencial à vida cristã. Fazer a mensagem compreensível aos cristãos é um propósito conciliar que está longe de ser cumprido. Em muitos reparos escutamos as mesmas observações que antes se faziam à liturgia pré-conciliar, o que denota como continua a ser essencial aproximar a liturgia dos crentes e os crentes da liturgia. De facto, este caminho, como já foi dito, tem sempre dois sentidos e nenhum deles pode ser sobrevalorizado ou esquecido.

COMUNICAÇÃO

Dos contributos e respostas recebidas assinala-se com particular destaque a necessidade de comunicação na Igreja. Desde o acolhimento nas celebrações até ao modo de evangelizar, foram muito os contributos recebidos visando uma atualização da presença da Igreja na sociedade.

A importância da comunicação digital e das redes sociais foi valorizada pela larga maioria dos contributos sinodais.

É assumida a necessidade de dar maior protagonismo aos leigos neste tema, aliada a uma estratégia que tenha em atenção uma linguagem simples, transparente, clara e objetiva.

MINISTÉRIO ORDENADO

São muitas as propostas no sentido de tornar opcional o celibato sacerdotal. Além do atrativo pela ideia de escolha, parece a alguns que poderia obviar ao problema dos abusos sexuais e há uma expectativa generalizada de que aumentasse o número de ministros. Neste sentido, também abundam propostas para a ordenação de homens

casados e de mulheres. Aparece como positiva a experiência dos diáconos permanentes e também se propõe este ministério para as mulheres.

Uma proposta clara que emerge desta consulta afirma a importância de a Igreja valorizar e reconhecer o papel das mulheres. Para tal, propõe-se uma reforma profunda no sentido de acabar com a exclusividade de homens a presidir às assembleias, valorizando o papel da mulher num plano de igualdade, equiparado ao vivenciado nas Igrejas cristãs de cariz protestante. Nas respostas de grupo, percebe-se a falta de consenso nestas matérias.

Vale a pena repetir a proposta de melhorar a formação para os ministérios ordenados, valorizando, além das dimensões mais óbvias, as competências para o acolhimento, a escuta e o diálogo, a partilha de decisões e o trabalho em conjunto.

LEIGOS E LEIGAS

Os leigos devem assumir um papel mais ativo na evangelização, para o que se propõe que tenham mais voz nas instâncias de decisão e de tomada de posição, sem ceder ao excessivo protagonismo e autoritarismo, de feição clerical, de alguns. A dimensão hierárquica deve possibilitar uma maior participação laical, mesmo no que concerne ao discernimento sobre a escolha dos bispos e a transferência dos párocos, que deve criar maior rotatividade. O lugar dos conselhos não deve ser menorizado, tornando-os determinantes nas decisões tomadas em qualquer nível e procurando que representem mais que o núcleo de pessoas envolvidas nas estruturas eclesiais.

Cabe aqui uma referência fundamental ao papel das comunidades de vida religiosa e à sua importância para a comunhão eclesial, onde surgem como sinais insubstituíveis da vida na fé, marcada pela espiritualidade e pelo serviço.

Do conjunto de respostas recebidas, muitos entendem como constitutivo da mundividência do mundo atual o papel da mulher na Igreja. É fundamental e irreversível que mulheres e homens tenham os mesmos direitos e deveres, sendo este um conceito básico para construir uma sociedade com níveis cada vez menores de discriminação e preconceito.

Espera-se maior partilha de responsabilidades e maior corresponsabilidade em tudo, superando o clericalismo e manifestando verdadeira comunhão entre todos. Esta comunhão e partilha deve ser clara entre comunidades, sobretudo no uso de critérios e regras comuns para a pastoral e os sacramentos.

JOVENS

São escassas as propostas avançadas no sentido de melhorar a relação, o entendimento e a participação dos jovens na Igreja. Além da adequação dos momentos litúrgicos, a repetir muitas das propostas do imediato pós-concílio, propõe-se um especial cuidado no acompanhamento que deve ser dado a projetos centrados nos jovens, após terem completado o percurso catequético, com a receção do sacramento do Crisma. Propõe-se a criação de grupos e atividades que escutem e acompanhem os jovens, em particular no seu processo de discernimento vocacional, promovam o voluntariado e o sentido de pertença à Igreja, dando-lhes maior presença e protagonismo e colocando os seus talentos individuais e de grupo ao serviço da comunidade. Propõe-se, ainda, que os jovens tenham mais voz nas instâncias eclesiais de decisão.

FAMÍLIA

Surge com força a necessidade de dar protagonismo maior às famílias fomentando o desenvolvimento da consciência de “Igreja doméstica”. É considerado que a participação das famílias deve ser acolhida, em particular, a partir da catequese, envolvendo-a a colaborar na vida comunitária em modo integrado com os outros grupos e estruturas. Como já foi referido, é feito um apelo especial de abertura e acolhimento para com as novas realidades familiares, para com os divorciados recasados, os homossexuais e as pessoas em “união de facto”.

COMUNIDADES

Um último grupo de propostas, respeita à feição das comunidades eclesiais, dioceses, paróquias, comunidades religiosas e movimentos e obras, que se querem mais simples e acessíveis, mais próximas de todos. Para o maior bem de todos devem dar especial atenção ao diálogo e colaboração com as instituições civis. A superação do clericalismo, deve dar-lhes maior transparência, sobretudo económica, e torná-las lugares de corresponsabilidade e cooperação, evitando a competição e a concorrência.

O caminho do discernimento implica assumir o risco de escolher, aceitando perder para poder construir. Pode acontecer que muitos não se revejam nestas propostas, achando-as pouco acutilantes ou incompletas. Em equipa procurámos ler tudo e a todos escutar, com muita gratidão. O nível de participação na Assembleia Diocesana Pré-sinodal e a escuta de quantos puderam intervir faz-nos confiar que este processo continuará. Nesta síntese, desejamos ter encontrado a voz de todos para discernir a voz do Espírito, conscientes de que o caminho já leva vinte séculos e ainda mal começou. Expomos o resultado do nosso trabalho ao discernimento da Igreja e das comunidades da diocese do Porto. Esperamos que lance alguma semente, da qual cuidemos, confiando-a ao

carinho materno de Maria, que invocamos na sua Assunção. Sabemos, com a certeza que nos dá o Divino Semeador, que sempre haverá colheita.

A COMISSÃO SINODAL DIOCESANA

Cón. Joaquim António da Silva Santos

Diác. Francisco Carlos Reis de Azevedo Moreira Bártolo

Bernardo Magina Madureira Palha de Araújo

Helena Sofia Silva Borges Salgado Fonseca Cerveira Pinto

José Henrique Pinho

Mariana Brito Oliveira

Rui Manuel Lamego Saraiva

Ir. Tânia Maria Encarnação

Vincenza Giosafatte Saraiva

ORAÇÃO PELO SÍNODO: *ADSUMUS SANCTE SPIRITUS*

Eis-nos aqui, diante de Vós, Espírito Santo!

Eis-nos aqui, reunidos em vosso nome!

Só a Vós temos por Guia:

vinde a nós, ficai connosco,

e dignai-Vos habitar em nossos corações.

Ensinai-nos o rumo a seguir

e como caminhar juntos até à meta.

Nós somos débeis e pecadores:

não permitais que sejamos causadores da desordem;

que a ignorância não nos desvie do caminho,

nem as simpatias humanas ou o preconceito nos tornem parciais.

Que sejamos um em Vós,

caminhando juntos para a vida eterna,

sem jamais nos afastarmos da verdade e da justiça.

Nós Vo-lo pedimos

a Vós, que agis sempre em toda a parte,

em comunhão com o Pai e o Filho,

pelos séculos dos séculos.

Ámen.

Siglário

CDV – Casa Diocesana de Vilar

EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

GE – Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*

MEC – Ministros Extraordinários da Comunhão

SBP – Seminário do Bom Pastor

SDA – Serviço Diocesano de Acólitos

SDCS – Secretariado Diocesano das Comunicações Sociais

SDEC – Secretariado Diocesano de Educação Cristã

SDECA – Secretariado Diocesano das Escolas Católicas

SDEIE – Secretariado Diocesano do Ensino da Igreja nas Escolas

SDL – Secretariado Diocesano de Liturgia

SDML – Serviço Diocesano de Música Litúrgica

SDPC – Secretariado Diocesano da Pastoral da Cultura

SDPF – Secretariado Diocesano da Pastoral Familiar

SDPJ – Secretariado Diocesano da Pastoral da Juventude

SDPMT – Secretariado Diocesano da Pastoral das Migrações e Turismo

SDPM – Secretariado Diocesano da Pastoral das Missões

SDPS – Secretariado Diocesano da Pastoral da Saúde

SDPSC - Secretariado Diocesano de Pastoral Social e Caritativa

SDPU – Secretariado Diocesano da Pastoral Universitária

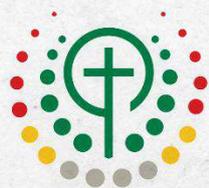
SDPV – Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações

SMP – Seminário Maior do Porto

UCP – Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto

ÍNDICE

PARTE I: PLANO DIOCESANO DE PASTORAL 2022 2023	2
ORAÇÃO OFICIAL DA JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE 2023	3
I. PÓRTICO: PARA UM NOVO ESTILO PASTORAL	4
II. UM PLANO PARA ABRAÇAR A TODOS E POR TODOS	6
1. O CONTEXTO	6
2. O LEMA: «ABRAÇA O PRESENTE! JUNTOS POR UM CAMINHO NOVO»	6
3. A IGREJA: UM CORPO QUE ACOLHE	7
III. OBJETIVOS PASTORAIS	8
IV. LINHAS PROGRAMÁTICAS	8
4.1. NO ÂMBITO DA SINODALIDADE	8
4.2. NO ÂMBITO DA JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE	9
4.3. NO ÂMBITO DA HOSPITALIDADE	10
V. PROPOSTAS DE AÇÕES PASTORAIS	10
5.1. NO ÂMBITO DA SINODALIDADE	11
5.2. NO ÂMBITO DA JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE	11
5.3. NO ÂMBITO DA HOSPITALIDADE	11
VI. CALENDÁRIO DIOCESANO	13
APÊNDICE: BREVE EXAME DE CONSCIÊNCIA PASTORAL SINODAL	18
PARTE II: SÍNTESE DIOCESANA DO PROCESSO SINODAL	19
ORAÇÃO PELO SÍNODO	33
SIGLÁRIO	34



Abraça o presente.
Juntos por um caminho novo.

Diocese do Porto 2022 | 2023